



## O Estruturalismo e a construção formal: estudo dos elementos constitutivos de uma totalidade, suas relações, significados e significantes que formam uma estrutura

Marilisa do Rocio Oliveira (UEPG/UNAM) [marilisa2@bol.com.br](mailto:marilisa2@bol.com.br)  
Giovanni Araújo de Oliveira (UTFPR) – [diehardk@hotmail.com](mailto:diehardk@hotmail.com)

### Resumo

O objetivo desse artigo é descrever as principais abordagens do estruturalismo que pretendem descobrir a estrutura dos fenômenos, penetrando em suas essências para determinar as suas ligações determinantes. Inicialmente, são descritas as principais características do estruturalismo e, em seguida, suas contribuições mais relevantes, bem como suas limitações. As posturas filosóficas dos principais pensadores estruturalistas são também identificadas ao longo do texto. Trata-se, portanto, de um ensaio teórico descritivo. Dessa forma, foi realizada pesquisa bibliográfica sobre o estruturalismo, bem como sobre suas aplicações na análise antropológica, histórica e psicanalítica.

**Palavras-chaves:** estruturalismo, anti-historicismo, estruturas inconscientes, epistemas, arqueologia do saber, redução do homem às estruturas.

### 1.Introdução

O termo *estruturalismo* deriva de estrutura. Esta palavra advém do latim *structura*, e significa primeiramente, construção. Na linguagem filosófica, *estrutura* relaciona-se aos significados de *forma*, *configuração*, *complexidade*, *conexão*. Em linhas gerais, pode-se definir uma estrutura como um conjunto de elementos cujas partes atuam como funções uma das outras e que se auto-regulam. Assim, uma estrutura é um complexo de elementos que se inter-relacionam de maneira indissolúvel; a alteração de um membro provoca, necessariamente, alterações no todo. Em essência, uma estrutura é um conjunto de leis que definem um âmbito de objetos ou de entes (matemáticos, psicológicos, jurídicos, físicos, econômicos, sociais, biológicos, etc.), estabelecendo relações entre eles e especificando os seus comportamentos e/ou as suas maneiras típicas de se desenvolverem. É isso, em suma, o que se pode dizer sobre o uso do conceito de estrutura dentro das ciências.

Embora a noção de *estrutura* seja utilizada desde o pensamento antigo, firmando-se a partir do romantismo alemão e da filosofia de Dilthey, recebe a denominação *estruturalismo* uma vertente da filosofia contemporânea, plenamente consolidada a partir da década de 50. O estruturalismo recebeu, para sua formação, influências de diversos ramos do pensamento de nosso século. Entre elas, destacam-se a linguística propagada por Saussure, a antropologia de Lévi-Strauss e a psicanálise de Lacan. O estruturalismo configura um método que consiste em buscar o sentido da realidade última, esta, compreendida a partir das relações que os termos

de uma totalidade estrutural estabelecem. Ao invés de subordinar o sentido à sua produção por um sujeito, o estruturalismo busca a gênese do sujeito a partir do sentido no qual estes, a princípio, se inscrevem. A estrutura não corresponde, contudo, a uma mera totalidade, ela é o modelo de inteligibilidade presente em uma determinada configuração do real, sua possibilidade de organização lógica. As relações entre os elementos, procuradas pelo olhar estrutural, não são prioritariamente de identidade ou semelhança, como em uma doutrina de caráter holístico; antes, o estruturalismo persegue as *diferenças*, responsáveis pela criação das significações. A semelhança é compreendida por este pensamento como um caso particular da diferença que a funda. Assim, a finalidade do método estrutural é reconstruir logicamente um determinado objeto, a partir das considerações de suas diferenças, de modo a tornar manifestas suas regras intrínsecas de funcionamento.

Existe também um uso filosófico do conceito de estrutura. Trata-se dos usos elaborados por pensadores como Lévi-Strauss, na Etnologia; Saussure, na Linguística; Vigotski, na Psicologia; Althusser, no Marxismo; Foucault, na História da Psiquiatria, na Sociologia e na Sexualidade; e Lacan, na Psicanálise; que, voltando-se contra o existencialismo, o subjetivismo idealista, o humanismo personalista, o historicismo e o empirismo factualista, deram origem ao movimento de pensamento estruturalista, apresentando alternativas de soluções aos urgentes problemas filosóficos relativos ao sujeito humano e ao desenvolvimento da história humana. Outros estruturalistas reconhecidos foram Roland Barthes, no campo da crítica literária e de suas ramificações sociais e Jacques Derrida na linguagem, crítica literária e retórica. Os estruturalistas pretenderam inverter a direção em que andava o saber sobre o homem, decidindo destronar o sujeito (o eu, a consciência ou o espírito) e suas celebradas capacidades de liberdade, autodeterminação, autotranscendência e criatividade em favor de estruturas profundas e inconscientes, onipresentes e onideterminantes (Reale & Antiseri, 1991).

Segundo Triviños (1987), o estruturalismo é uma abordagem científica que pretende descobrir a estrutura do fenômeno, penetrar em sua essência para determinar as suas ligações determinantes. O estruturalismo nasceu nos primeiros anos do século XX e representou uma rejeição aos postulados positivistas e evolucionistas. Uma das grandes figuras do estruturalismo, na disciplina psicológica, é a de Piaget, célebre por suas investigações sobre a inteligência na criança.

O estruturalismo começou originalmente com Saussure com um método em linguística, tendo-se alastrado à antropologia com Lévi-Strauss, e desde então nunca mais parou, pelo menos em França e nos departamentos de literatura inglesa das universidades americana. Quase ninguém admitirá hoje em dia ser um estruturalista e em qualquer caso é muito difícil defini-los com precisão. No entanto, é importante ter idéias firmes acerca deles. São quase completamente ignorados nos departamentos de filosofia britânicos, o que demonstra as preocupações rigorosamente analíticas da filosofia britânica, ou a sua extraordinária insularidade - depende do lado em que leitor estiver. Uma característica do estruturalismo e do pós-estruturalismo é a sua desconfiança em relação às disciplinas acadêmicas, e a sua gíria impenetrável.

## **2.A Construção Formal**

O estruturalista estuda os mitos (e outros textos). O que lhe interessa não são os conteúdos (os mitemas, ou unidades brutas de um mito), quando são narrados diacronicamente, mas sim a forma (a lógica oposicional do mito) - como ela pode ser esquematizada sincronicamente.

O estruturalista é, por definição, um formalista. Assim, extrai ou abstrai sistematicamente as oposições que informam ou estruturam um mito, de modo a representar, diagramaticamente, a lógica que governa as relações entre essas oposições e suas transformações (por exemplo, a

transformação do cru em cozido, ou do selvagem em civilizado) - ou, pelo menos, é isso que o estruturalista supõe fazer. O estruturalista argumenta que essas oposições estão presentes implicitamente - inerentes objetivamente, se subentendido desse modo - no texto e, além disso, que existiam na mente selvagem que, mais ou menos inconscientemente, compôs o mito. Em *Structuralist Poetics*, Jonathan Culler sugere que tais oposições podem estar no texto - muito menos na mente de qualquer selvagem ou, como possa ser o caso, na mente de qualquer poeta - mas, simplesmente, estarem na mente do estruturalista, que atribui essas oposições ao texto - quer dizer, ele impõe certas pressuposições no texto: convenções, ou expedientes heurísticos, que facilitam seu estudo do texto, seguindo uma certa via em lugar de outra, que talvez fosse tão válida quanto àquela. Se é este o caso, tais "estruturas" não passariam de constructos e só se justificam por sua conveniência pragmática.

### **3.A natureza e as bases da estrutura organizacional: os elementos constitutivos de uma totalidade**

A idéia de estrutura é basicamente simples. A estrutura de um prédio é um determinante fundamental dos movimentos e das atividades das pessoas que o ocupam. Supõe-se que os prédios tenham estruturas adequadas às atividades neles executadas. Um prédio comercial é diferente de uma fábrica. As fábricas onde se fazem automóveis diferem daquelas em que se produzem computadores. Os arquitetos projetam edifícios para se adequarem às necessidades das atividades a serem desempenhadas dentro deles.

A analogia entre as estruturas organizacionais e as dos prédios não é perfeita, já que as organizações não são construídas por arquitetos, mas sim pelas pessoas que delas fazem parte. Mas os fatores que afetam ou determinam a estrutura dos prédios fazem o mesmo com as organizações.

Entendemos por estrutura organizacional “as distribuições, em diversos sentidos, das pessoas entre posições sociais que influenciam as relações de papel entre essas pessoas” (Blau, 1974, p.12). Uma implicação da definição é a divisão de trabalho: atribuem-se às pessoas tarefas ou trabalhos diferentes dentro das organizações. Outra implicação é que as organizações contêm categorias ou uma hierarquia: as posições que as pessoas ocupam possuem normas e regulamentos que especificam, em graus variáveis, como seus ocupantes devem comportar-se nessas posições.

Ranson, Hinings e Greenwood (1980) têm uma perspectiva ligeiramente diferente sobre a estrutura organizacional. Eles concebem a estrutura como sendo “um meio complexo de controle que é continuamente produzido e recriado em interação e que, ainda assim, modela essa interação: as estruturas são constituídas e constitutivas”. Essa abordagem enfatiza que a estrutura de uma organização não é imutável. Ao contrário, ela modela o que ocorre numa organização e é modelada pelo que ocorre numa organização. Esse ponto destaca o fato de que as organizações são conservadoras por natureza. Sua estrutura "constitui" as interações que ocorrem dentro dela. A estrutura não produz uma conformidade total, mas impede também o comportamento ao acaso.

Meyer e Rowan (1977) e Kamens (1977) têm uma visão muito diferente da estrutura. Eles encaram a estrutura como um mito, criado pelas exigências sociais. Kamens alega que as faculdades e universidades, por exemplo, criam categorias de membros, tais como pós-graduados universitários, que legitimam os direitos e significados sociais atribuídos a tais grupos. A estrutura organizacional, segundo Kamens, é uma autodefinição organizacional de seu efeito apregoado aos estudantes. A abordagem de Meyer e Rowan é que a estrutura são as práticas e procedimentos definidos pelos conceitos racionalizados vigentes no trabalho organizacional que são institucionalizados na sociedade.

A estrutura organizacional atende a três funções básicas. Em primeiro lugar, as estruturas tencionam realizar produtos organizacionais e atingir metas organizacionais. Em segundo lugar, as estruturas se destinam a minimizar ou pelo menos regulamentar a influência das variações individuais sobre a organização. Impõem-se estruturas para assegurar que os indivíduos se conformem às exigências das organizações e não o inverso. Em terceiro lugar, as estruturas são os contextos em que o poder é exercido (as estruturas também estabelecem ou determinam quais posições têm poder sobre quais outras), onde as decisões são tomadas (ou fluxo de informação que entra numa decisão é basicamente determinado pela estrutura) e onde são executadas as atividades das organizações.

Muitas discussões sobre a estrutura não levam em conta o indivíduo. As estruturas organizacionais têm impactos sobre os indivíduos que ficam acima e além dessa determinação da quantidade de julgamento a ser exercido. Por exemplo, a posição de um indivíduo numa organização, tal como a de um funcionário administrativo, supervisor, gerente de nível médio ou outra qualquer, modela as reações desse indivíduo diante da organização (Herman, Dunham e Hulin, 1975). Apesar dos fatores demográficos como idade ou sexo também serem determinantes, a posição do indivíduo parece ser mais importante. De modo similar, a satisfação do indivíduo com o trabalho está relacionada com a estrutura organizacional (Ivancevich e Donnelly, 1975). Embora as dificuldades de classificar tanto os indivíduos quanto as organizações tornem inconcludentes as evidências, parece que alguns tipos de trabalhadores satisfazem-se mais num tipo de estrutura organizacional, enquanto outros preferem uma espécie diferente.

#### **4.O Estruturalismo em Antropologia**

Aproximando-se do funcionalismo de Radcliffe-Brown e de Malinowski, que se ocupavam da função desenvolvida pelos fatos humanos (ritos, mitos, instituições, etc.) no interior de uma cultura, Lèvi-Strauss pouco a pouco afastar-se-ia dele em virtude do fato de considerar as pesquisas dos funcionalistas como muito setoriais e circunscritas aos fins conscientes e identificáveis junto a um grupo social, ao invés de orientá-las para o estudo de estruturas inconscientes e gerais encontráveis em qualquer sociedade. Existe uma razão oculta que guia e estrutura o caos (que o é só aparentemente) dos fenômenos humanos. Lèvi-Strauss demonstra que a finalidade profunda das estruturas segundo as quais os primitivos constroem as suas relações de parentesco consiste em impedir que cada clã familiar isoladamente se feche em si mesmo (Reale & Antiseri, 1991).

Essa interpretação das estruturas elementares do parentesco, se de um lado consegue pôr ordem em uma ilimitada série de fenômenos à primeira vista desconexos, de outra parte explica a proibição universal do incesto. Essa proibição não deve ser explicada com argumentações de tipo biológico ou com razões morais. Ela é muito mais consequência da estrutura inconsciente e universal que impõe a instauração das relações abertas de parentesco. O estruturalismo de Lèvi-Strauss se configura como um kantismo sem sujeito transcendental: há um inconsciente (de tipo kantiano e não freudiano) formado de categorias, que constituiria a matriz de todas as outras estruturas. Com base nisso, pode-se compreender também a polêmica anti-historicista de Lèvi-Strauss: a história não tem nenhum sentido, nela não existe nenhum fim, nem se desenvolve de modo contínuo e progressivo; o que opera nela são estruturas inconscientes e não homens, com seus fins declarados, os quais são apenas aparências (Reale & Antiseri, 1991).

A ação humana é toda uma ação regulada pelas poucas normas formais que o estruturalismo faz emergir. A história humana é como um jogo de xadrez, com peças que se deslocam segundo as indicações das regras. As mais diversas configurações das peças no tabuleiro podem parecer arbitrárias e sempre novas para o observador externo que ignore as regras. E o

estruturalista pretende captar as regras que estruturam não apenas as configurações da vida social dos homens, mas também os seus produtos mentais. Para Lèvi-Strauss, o pensamento “selvagem” não é de modo algum menos lógico do que o pensamento do homem “civilizado”, o que pode ser visto na catalogação que os “primitivos” fazem dos fenômenos naturais ou em suas classificações totêmicas. Afirma que o mito é uma estrutura lógico-formal que dá lugar a produtos com os quais a mente humana ordena, classifica e dá sentido aos fenômenos (Reale & Antiseri, 1991).

## 5.O Estruturalismo na História da Psiquiatria

Foucault não quis escrever uma história da psiquiatria entendida como história das medidas relativas ao tratamento prático dos doentes mentais, mas como uma reconstrução do modo pouco racional com que os normais e racionais deram expressão ao seu medo da não razão, estabelecendo de modo repressivo o que é mentalmente “normal” e, ao contrário, o que é mentalmente “patológico”. O período clássico (séculos XVII-XVIII), que vai de Descartes ao iluminismo, passa por ser o “século da Razão”, mas esse século teme a ameaça ao racional, defendendo-se da loucura simplesmente enclausurando os loucos e tratando-os muito pior que os animais. A Razão do período clássico veta outro modo de ser e teme uma linguagem diferente da sua: é uma Razão repressiva (Reale & Antiseri, 1991).

A *História da loucura na época clássica* (1961) de Foucault mostra unidades de significação que são limites a partir dos quais os homens de um período histórico pensam, compreendem e avaliam. Em *As palavras e as coisas* (1966), Foucault rejeita o mito do progresso: a continuidade na qual o homem ocidental pretende representar o seu glorioso desenvolvimento é continuidade que não existe. A história não tem sentido, é, antes, descontínua. É nesse momento que Foucault conceitua estruturas epistêmicas que agem no nível inconsciente, permeando e qualificando os mais diversos campos do saber de um período cultural. Epistemas seriam todas as relações que existiram em certa época entre os vários campos da ciência. E Foucault denominou a ciência que estuda tais discursos e tais epistemas de arqueologia do saber, mostrando que não há qualquer progresso na história e que não existe aquela continuidade de que se orgulha todo o historicismo. A arqueologia do saber mostra uma sucessão descontínua de epistemas, com a afirmação e a decadência de epistemas em uma história sem sentido (Reale & Antiseri, 1991).

Em *As palavras e as coisas* (1966), Foucault distingue na história do saber ocidental, três estruturas epistêmicas que se sucedem sem continuidade alguma: a primeira é a que se conservou até o Renascimento em que as palavras tinham a mesma realidade do que significavam; a segunda é a que se impôs nos séc. XVII e XVIII onde o discurso rompe os laços que o uniam às coisas e a terceira que se afirmou no séc. XIX, em que o saber não se detém nem se reduz à representação do visível, mas busca nova dimensão do real, vale dizer, a da estrutura oculta. Assim, por exemplo, é a estrutura da linguagem que dá sentido às palavras; é a função biológica que se torna o princípio da classificação dos seres vivos na anatomia comparada; não é o dinheiro, e sim o trabalho necessário para produzir um bem que se torna a medida do valor desse bem.

## 6.O Estruturalismo na Psicanálise

Para Lacan na *Intervenção sobre a transferência* (1952), o inconsciente não é sede dos instintos, mas o lugar privilegiado da palavra: “O inconsciente é aquele capítulo de minha história que está marcado por um branco e ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado. Mas a verdade pode ser encontrada: a mais das vezes, já está escrita noutra lugar, ou seja, nos monumentos. E o monumento é o meu corpo, vale dizer, o núcleo histérico da neurose, no

qual o sintoma histórico mostra a estrutura de uma linguagem e se decifra como uma inscrição que, uma vez sabida, pode ser destruída sem grave perda. E também nos documentos de arquivo, que são as recordações da minha infância, impenetráveis como eles quando não conheço sua proveniência. E na evolução semântica, que corresponde ao estoque e às acepções do vocabulário que me é próprio, assim como ao meu estilo e ao meu caráter”. Existem, portanto, doenças que falam – e a análise é a escuta de suas palavras. É o inconsciente que fala porque sofre – e quanto mais sofre, mais fala. E a função da análise não é a de restabelecer uma relação entre o sujeito e a realidade, e sim muito mais fazer com que o sujeito consiga compreender a verdade do inconsciente. E o inconsciente se estrutura como linguagem.

O sintoma neurótico deve ser considerado como o significante de um significado reprimido da consciência do sujeito. A repressão não é repressão de uma coisa, mas de um discurso estruturado, que funciona fora do sujeito consciente: “Eu penso onde não sou e sou onde não penso”. Por isso, a psicanálise ensina o sujeito a reconhecer as folhas em branco de sua história. O objetivo da análise é o de ensinar ao sujeito a verdade que lhe escapa e que o imobiliza na repetição. E somente reconhecendo a verdade do discurso do inconsciente é que o sujeito “é restituído à plenitude da dimensão histórica de sua existência. Se o psicanalista conduz o sujeito a algum lugar, é para uma decifração que pressupõe uma lógica que já está estruturada no inconsciente” (Reale & Antiseri, 1991).

Como escreve Lacroix, “Lacan é estruturalista enquanto sobrepõe ao mundo real e ao mundo imaginário terceiro mundo, o mundo do símbolo, que baseia um e outro. Aquilo que, em última análise, Freud nos leva é a enormidade dessa ordem em que entramos e em que nascemos segunda vez, saindo do estágio justamente denominado *infans*, sem palavra. A universalidade dessa linguagem, o fato de poder ser traduzida em todas as línguas, deriva da simplicidade do significado, já que os símbolos psicanalíticos, nascidos do encontro entre desejo e linguagem, quaisquer sejam a multiplicidade e a diversidade de suas formas, ser referiam todos às relações de parentesco, à vida e à morte”.

## 7. Crítica ao Estruturalismo

O anti-humanismo dos estruturalistas foi denunciado por Michel Dufrenne: “Entre concepções disparatadas como a ontologia de Heidegger, o estruturalismo de Lèvi-Strauss, a psicanálise de Lacan ou o marxismo de Althusser há uma temática comum que, essencialmente, se baseia na abolição do sentido vivido e na dissolução do homem”.

Além de receber críticas dos filósofos que queriam reafirmar a centralidade do homem livre e artífice da história, o estruturalismo foi acusado de ter metafisicizado aquilo que pode ser um bom princípio heurístico: uma coisa é dizer que “procuramos estruturas latentes em condições de explicar cientificamente estes ou aqueles fatos” e outra bem diferente, é sustentar que “estas ou aquelas estruturas são a realidade, são estruturas absolutas”. E, quando não se distinguem as duas atitudes mentais, chega-se ao ponto de identificar a ciência com a religião, depois de tantas polêmicas contra o irracionalismo (Reale & Antiseri, 1991).

Com Piaget, podemos dizer que as estruturas epistêmicas de Foucault não se distinguem dos paradigmas de que fala Thomas Kuhn e as críticas que podem ser feitas a Kuhn também podem ser repetidas para Foucault. Piaget escreve; “As epistemas sucessivas não podem ser deduzidas uma das outras formalmente nem dialeticamente, e não procedem umas das outras por filiação, nem genética nem histórica. Em outros termos, a última palavra de uma ‘arqueologia’ da razão é de que a razão se transforma sem razão e que as suas estruturas aparecem e desaparecem por mutações fortuitas ou emergências momentâneas, do mesmo modo que raciocinavam os biólogos antes do estruturalismo cibernético contemporâneo”. Na opinião de Piaget, Foucault é irracionalista.

## 8. Conclusão

A estrutura é própria de todos os fenômenos, coisas, objetos e sistemas que existem na realidade. É uma forma interior que caracteriza a existência do objeto. Ela preserva a unidade que peculiariza a coisa através das conexões estáveis que se estabelecem entre os diferentes elementos que a constituem. Todos os objetos materiais manifestam grande quantidade de relações, de ligações internas e externas. O sistema social apresenta diferentes tipos de estruturas. Cada uma pode ser estudada separadamente. Mas a investigação científica não pode prescindir da visão de todo o sistema em sua totalidade. A estrutura é estável, mas não é permanente. Quando o sistema sofre mudanças quantitativas que alteram a sua essência, transformam os elementos do objeto e surgem outras estruturas com outras qualidades (Triviños, 1987).

Os estruturalistas formularam genuínas teorias filosóficas sobre a história e sobre o homem e não só se ergueram contra todas as filosofias historicistas (idealismo, marxismo, etc.), mas também se configuraram como força de choque contra determinada concepção de homem, visto como pessoa ou como sujeito livre, consciente, autodeterminado, responsável, criativo e que, com seu esforço, a sua inteligência e a sua vontade, cria a história.

Para Althusser, a defesa do humanismo significa unicamente fechar os olhos diante das descobertas científicas fundamentais de Marx. Este, fora de qualquer dúvida, teria mostrado de que modo a estrutura determina os sujeitos humanos. São as relações reais de produção que determinam as relações ilusórias ou ideológicas entre as consciências. Althusser escreve: “os indivíduos são somente os efeitos da estrutura” e que “o sujeito nada mais é que o suporte das relações de produção”. Na opinião de Althusser, a ética da vontade e do esforço é unicamente mais um engano, é ideologia, sentenciando: “A moral está na sua essência ideológica”.

O pensamento foucaultiano parece resumir a orientação estruturalista: “À medida que nos damos conta de que todo conhecimento humano, toda existência humana, toda vida humana e, talvez, até toda herança biológica humana estão presas a estruturas, isto é, dentro de um conjunto formal de elementos que obedecem a relações que são descritíveis por qualquer, o homem deixa de ser sujeito de si mesmo, de ser ao mesmo tempo sujeito e objeto. Descubra-se que o que torna o homem possível é um conjunto de estruturas que, naturalmente, ele pode pensar e descrever, mas do qual não é o sujeito, a consciência soberana. Essa redução do homem às estruturas que o circundam parece-me característica do pensamento contemporâneo”.

Para Lèvi-Strauss, existem estruturas e normas autônomas da vontade humana. E, se estudamos o homem cientificamente, então o homem não se constitui, ele é “dissolvido”. O homem não é senhor de sua própria história. Ele não age, mas é “agido” por forças estruturadas inconscientes.

## Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes. 2000.

Anthropology, Microsoft® Encarta® Encyclopedia 2000. © 1993-1999 Microsoft Corporation.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Introdução à filosofia da ciência**. 2. ed. Curitiba: Editora UFPR, p. 117-141, 1998.

BRUYNE, Paul; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BURREI, G.; MORGAN, G. 1979. *Sociological Paradigms and Organizational Analysis*. London: Heinemann Educational Book

CARRIERI, Alexandre de P.; LUZ, Talita R. da. Paradigmas e metodologias: não existe pecado do lado de baixo do Equador. In: **XXII Encontro Anual da ANPAD** (1998: Foz do Iguaçu). Anais. Foz do Iguaçu: ANPAD, 1998 [CD-Rom].

HALL, H. RICHARD, Organizações: Estrutura e Processos. 3ª Edição, Rio de Janeiro: Prentice /Hall do Brasil, 1984.

RANSON, S.; HININGS, C. R.; GREENWOOD, Royston. The structuring of organizational structures. **Administrative Science Quarterly**, v. 25, n. 1, p. 01-17, 1980.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**. 4. ed. Vol. III. São Paulo: Paulus, 1991.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.